

CARACTERIZAÇÃO SEDIMENTAR DA MORFOLOGIA DO RIO JUCU ASSOCIADO A TERRAÇOS FLUVIAIS

Paresqui, B. G. S.; Cozer, C. R.; Correia, D. B.*; Costa, M. C. O.; Dadalto, T. R.; Alonso, W. C.; Couzzi, Y. B.

Universidade Vila Velha

O rio Jucu consiste em uma das principais fontes de recursos hídricos da região metropolitana da Grande Vitória, representando entorno de 60% do abastecimento público. Apesar de sua vital importância socioeconômica, o rio Jucu sofre um processo acelerado de degradação ambiental decorrente de atividades econômicas, como agropecuária, dragagens, desvios de leitos e barramentos. Em decorrência disto, a caracterização sedimentar e mineralógica dos terraços fluviais representa o resgate da história de deposição do rio antes da atual pressão antrópica. O presente estudo consistiu na identificação granulométrica e mineralógica dos sedimentos oriundos de perfis verticais dos terraços fluviais e das atuais barras de pontal ao longo do curso médio do rio, com o objetivo de caracterizar a proveniência histórica do aporte sedimentar. A bacia hidrográfica do rio Jucu localiza-se na região centro-serrana do Espírito Santo, com uma área de drenagem de aproximadamente 2.220 km². A área de estudo está situada no Complexo Nova Venécia da Província da Mantiqueira, especificamente sobre gnaisses da sequência metavulcanosedimentar do Grupo Itálva e sobre granitoides sin, tardi e pós-orogênicos do Orógeno Araçuaí. A metodologia consistiu na coleta de amostras de sedimentos nos terraços e barras de pontal, que foram submetidas a: análise granulométrica por peneiramento; identificação mineralógica em lupa de mesa; e análise por DR-X no Instituto de Física/UFF. Os sedimentos consistem em camadas de areias conglomeráticas, areias finas a grossas, areias finas a muito finas e areias lamosas. A mineralogia predominante na fração de areia grossa e cascalhosa consiste de grãos de 60% quartzo, 7% micas, 4% monazitas e 6% feldspatos. Já na fração de areia fina a grossa, a mineralogia principal é composta por 47% quartzo, 17% micas e 16% granada. Outros minerais também foram encontrados, como feldspatos, óxidos e litoclastos. Contudo, descreve-se para ambas frações de areias, seleção muito boa, assimetria muito positiva e curtose muito leptocúrtica. O erro obtido foi de 0,07%. Nas barras de pontal os sedimentos variam na fração areia média a areia muito grossa, os quais advêm do terraço que estão sendo retrabalhados pelo rio, depositando assim sedimentos grossos na barra. Os perfis caracterizados apresentam fácies com camadas granodecrescente ascendente conglomeráticas na base, gradando para o topo com camadas arenosas grossas a finas, e areno lamosas. As fácies lamosas gradam de níveis carbonosos na base a níveis oxidados no topo, evidenciados pela coloração escura na base e avermelhadas no topo. Atualmente os terraços possuem de 3 a 5 metros de altura, cortados pelo canal fluvial principal do rio Jucu. A composição mineralógica dos sedimentos condiz com a mineralogia das rochas neoproterozoicas do substrato rochoso e com os sedimentos oriundos dos terraços fluviais. Os terraços evidenciam mudanças na dinâmica de fluxo na região, indicando inicialmente um regime de fluxo maior, passando para regimes de fluxo menor, com períodos de alagamentos e finalmente escavação e erosão fluvial recente, dada elo canal meandrante do rio Jucu. O estudo mais detalhado destes depósitos corroborará para o entendimento das mudanças paleoambientais e paleoclimáticas ocorridas na região de menor energia.

Minas Gerais. Serviço Geológico do Brasil. *Geologia e Recursos Minerais do Espírito Santo*. Belo Horizonte: Superintendência Regional de Belo Horizonte, 2015, 281 p.

POMEROL, C; LAGABRIELE, Y; RENARD, M; GUILLOT, S. *Princípios de Geologia. Técnicas, modelos e teorias*. 14^a edição: Bookman, 2013

FLUTUAÇÕES DO NÍVEL RELATIVO DO MAR DURANTE O QUATERNÁRIO SUPERIOR AO LONGO DO LITORAL BRASILEIRO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SEDIMENTAÇÃO COSTEIRA.

<http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_5/b_fdi_18-19/23617.pdf> Acessado em 01 de Julho de 2017

FORMAS TOPOGRÁFICAS NAS PLANÍCIES DE INUNDAÇÃO E TERRAÇOS ALUVIAIS<http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/15510316022012Geomorfologia_Fluvial_e_Hidrografia_aula_5.pdf> Acessado em 01 de Julho de 2017

Revista Brasileira de Geomorfologia - FORMAS E PROCESSOS FLUVIAIS ASSOCIADOS AO PADRÃO DE CANAL MEANDRANTE: O BAIXO RIO DO PEIXE, SP. <<http://www.lsie.unb.br/rbg/index.php/rbg/article/view/813>> Acessado em 01 de Julho de 2017

APOSTILA FLUVIOMETRIA CTH <<https://www.ufrgs.br/cth-iph/wp-content/uploads/2016/03/Apostila-de-fluviometria-prof-Luis-Emilio.pdf>> Acessado em 01 de Julho de 2017

CADERNO DE MATAS CILIARES <<http://www3.ambiente.sp.gov.br/cea/files/2014/11/7-MATAS-CILIARES.pdf>> Acessado em 01 de Julho de 2017